

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**

**Vanessa Lazzaretti**

**BLOG JORNALISMO B E A CRÍTICA DA MÍDIA:  
UMA RELEITURA DOS FATOS NOTICIADOS**

**Passo Fundo**

**2012**

Vanessa Lazzaretti

**BLOG JORNALISMO B E A CRÍTICA DA MÍDIA:  
UMA RELEITURA DOS FATOS NOTICIADOS**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Dr. Otavio José Klein.

Passo Fundo

2012

Vanessa Lazzaretti

**Blog Jornalismo B e a crítica da mídia: uma releitura  
dos fatos noticiados**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do prof. Dr. Otavio José Klein.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Otavio José Klein – UPF

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Agradeço a Deus, por sempre conduzir e iluminar minha vida.

À minha família, em especial meus pais, por serem minha base, minha estrutura e meu exemplo. Aos meus irmãos, Marcos e Mateus, meus tesouros.

Ao meu namorado, Anderson, que não economizou forças para me incentivar nos momentos em que eu me senti exausta.

Aos meus colegas, que hoje são grandes amigos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Otavio José Klein, por sempre me apontar os caminhos.

Aos professores do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, por todos os ensinamentos, apoio e carinho.

## Resumo

A presente pesquisa apresenta uma análise de críticas ao jornal *Folha de São Paulo*, feitas pelo *blog* Jornalismo B durante a cobertura das eleições presidenciais de 2010. A partir na hipótese do newsmaking e da análise de conteúdo, analisou-se qual é a rotina produtiva do *blog*, bem como quais os elementos das matérias da FSP criticados por ele. O *blog* Jornalismo B é um veículo de crítica da mídia, que trabalha com a contrainformação, ou seja, apresenta a releitura dos fatos publicados pela grande mídia, destacando pontos que, às vezes, passam despercebidos por esses veículos. Ao final desta pesquisa, concluiu-se que o *blog*, apesar de se auto declarar como um veículo de mídia independente possui uma postura de defesa à candidata Dilma Rousseff. Dessa forma, pode-se considerar que, assim como a *Folha* realizou uma cobertura tendenciosa, favorecendo o candidato José Serra, o *blog*, por meio das críticas, apoiou a candidata Dilma Rousseff.

**Palavras-chave:** análise de conteúdo, contrainformação, crítica da mídia, eleições 2010, newsmaking.

## **Lista de Quadros**

Quadro 1: Elenco de valores-notícia conforme diferentes autores.....	14
--	----

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1: Categorias relacionadas ao newsmaking.....	23
Tabela 2: Categorias relacionadas à análise de conteúdo.....	26
Tabela 3: Categorias de análise do newsmaking aplicadas à amostragem.....	35
Tabela 4: Categorias de análise de conteúdo aplicadas à amostragem.....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 FUNDAMENTOS TEÓRICO – METODOLÓGICOS</b> .....	12
1.2 Newsmaking e a produção da notícia.....	12
1.2.1 Os critérios de noticiabilidade.....	16
1.3 Análise de conteúdo.....	20
1.3.1 As categorias de análise.....	22
<b>2 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA</b> .....	27
2.1 O <i>blog</i> Jornalismo B.....	27
2.1.1 Alexandre Haubrich: o produtor dos textos.....	30
2.1.2 As eleições 2010.....	31
2.1.3 A amostra.....	32
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	34
3.1 Aplicação das categorias de análise aos textos da amostra.....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>ANEXOS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

O presente material pretende apresentar a monografia desenvolvida pela acadêmica Vanessa Lazzaretti, no segundo semestre de 2012, para a integralização do curso de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo (FAC/UPF).

É fundamental que os estudantes de comunicação tenham consciência do seu papel de formador de opinião e tradutor dos fatos cotidianos, especialmente no que diz respeito aos temas relacionados à política, área muito importante para a formação de cidadãos críticos. Desse modo, é importante aproveitar o espaço acadêmico para refletir e contribuir com pesquisas que trabalhem o papel do comunicador, enquanto suscitador de debates, e também qual é o impacto que suas mensagens causam nos mais diversos públicos que integram a sociedade.

É importante também se ter em mente que, desde a sua disseminação, a internet tem permitido que as áreas de acesso aos debates se tornem mais acessíveis. Trata-se de um novo terreno no qual os cidadãos, individualmente ou em grupo, apresentam opiniões, reagem a posições políticas, trocam argumentos, questionam as ações dos políticos e comparam a postura do próprio jornalista na hora de abordar assuntos que geram polêmica.

Nesse contexto, o objeto de estudo deste trabalho é o *blog* Jornalismo B<sup>1</sup> em seus textos que fazem a crítica à cobertura da *Folha de São Paulo* durante o período eleitoral para a presidência da República de 2010.

De acordo com os dados encontrados no *blog* Jornalismo B, este foi criado em 2007 e tem como principal característica a disseminação da contra-informação. Por meio de uma crítica da grande mídia, o *blog* aponta a parcialidade com que os veículos da mídia hegemônica tratam determinados fatos – especialmente os relacionados à política.

Segundo Weber (2002 apud CAMPOS, 2008), os veículos que trabalham com a contra-informação, têm papel de apresentar e reapresentar deslocamentos significativos nos hábitos de leitura, influenciando o debate público, portanto produzindo alterações sobre o modo como o homem capta e interpreta as coisas do mundo.

Pretende-se, assim, identificar os parâmetros utilizados pelo Jornalismo B para garantir que a grande mídia, especialmente o jornal *Folha de São Paulo*, é parcial em suas abordagens. Para fazer isso, outras questões precisarão ser respondidas, tais como: quais são as críticas que o *blog* faz à cobertura eleitoral da *Folha de São Paulo*? Os elementos criticados apontam parcialidade ou imparcialidade?

O primeiro capítulo deste trabalho está voltado para a metodologia. Para realizar este estudo, utiliza-se a hipótese do Newsmaking, que, conforme Hohlfeldt (2001), surgiu dos estudos de Kurt Lewin em 1947 e está ligada à produção das notícias. A finalidade é entender a rotina de produção do Jornalismo B, bem como os valores-notícias considerados pelo *blog*. Para a análise da crítica do *blog* à *Folha de São Paulo*, utiliza-se a análise de conteúdo, que possibilita o entendimento de quais são os pontos abordados pela grande mídia que originam as críticas feitas pelo *blog* Jornalismo B. A análise de conteúdo é uma prática de pesquisa utilizada há mais de meio século e teve sua história descrita por Laurence Bardin na obra *Análise de Conteúdo* (1977).

O segundo capítulo apresenta um histórico do Jornalismo B, sua relação com a crítica da mídia e com o modelo de contrainformação, fonte de estudo do pensador

---

<sup>1</sup> Blog Jornalismo B: [www.jornalismob.com](http://www.jornalismob.com)

italiano Pio Baldelli, citado por Anamaria Fadul (1982), em sua obra *Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação*.

Por fim, o último capítulo apresenta a análise dos dados e busca responder ao problema de pesquisa apresentando no início deste estudo: quais são os parâmetros utilizados pelo Jornalismo B para apontar que a *Folha de São Paulo* é parcial em suas abordagens. Para tanto, organizou-se uma tabela de categorias de análise, a partir do *newsmaking* e da análise de conteúdo, a fim de entender a rotina produtiva, os valores-notícias, e as principais críticas feitas pelo *blog*.

## 1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Abordam-se neste capítulo os critérios teórico-metodológicos fundamentais para compreendermos como se dá o processo de produção das críticas feitas pelo *blog* Jornalismo B ao jornal *Folha de São Paulo*, bem como quais são os conteúdos geradores de tais críticas.

### 1.2. Newsmaking e a Produção da Notícia

A hipótese do *newsmaking* surgiu dos estudos de Kurt Lewin em 1947 e trata sobre a produção da notícia, apresentando os processos pelos quais uma informação passa até chegar ao conhecimento de um indivíduo da sociedade de massa e quais são os fatores que interferem na sua produção.

Levando em consideração o conteúdo da hipótese do *newsmaking*, Antônio Hohlfeldt (2001, p.204) refere que o termo “em uma tradução livre seria fazedores de notícia ou a criação da notícia”.

A hipótese de *newsmaking* dá ênfase à produção de informações, ou lhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em no Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção destes estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas,

bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição, enfim, em sua distribuição. (HOHLFELDT, 2001, p. 204)

Wolf (2003) trabalha a hipótese de que o *newsmaking* é um estudo ligado à essência do jornalismo como uma profissão. Para ele, o estudo sobre o *newsmaking* passa, necessariamente, pela questão da noticiabilidade (critérios de seleção do que vai ser a notícia), ou seja, critérios de relevância, ou *newsworth*, conforme define o autor. Wolf também explica o *newsmaking* como um processo de articulação entre a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho nos meios de comunicação e o processo de produção da notícia.

O entrelaçamento entre características da organização dos trabalhos no aparato da mídia e os elementos da cultura profissional é absolutamente restrito e vinculador e isso define justamente o conjunto de características que os eventos devem possuir (ou apresentar aos olhos do jornalista) para poder ser transformados em notícias (WOLF, 2003).

Também para Hohlfeldt (2001), a hipótese do *newsmaking* dá ênfase à produção de informações, ou seja, a transformações dos acontecimentos em notícias.

A hipótese do *newsmaking* dá especial ênfase à produção de informações, ou melhor, a potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção desses estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição e, enfim, em sua distribuição. (HOHLFELDT, 2001, pp. 203 - 204)

Mesmo reconhecendo que se trata de uma teoria do jornalismo, ligada diretamente às rotinas de produção da notícia, Hohlfeldt analisa a hipótese do *newsma-*

*king* da perspectiva comunicacional e a considera válida para fundamentar os estudos realizados na área. Tal como Wolf (2003), Hohlfeldt analisa o *newsmaking* do ponto de vista da “noticiabilidade” dos fatos.

A noticiabilidade é um conjunto de regras práticas que abrangem um *corpus* de conhecimento profissional que, implícita ou explicitamente, justifica os procedimentos operacionais e editoriais dos órgãos de comunicação em sua transformação dos acontecimentos em narrativas jornalísticas. Reúne o conjunto de qualidades dos acontecimentos que permitem uma construção narrativa jornalística e que os recomendam enquanto informação jornalística. (HOHLFELDT, 2001, p. 209)

Já Luiz Gonzaga Motta (2002) define o *newsmaking* como uma corrente de estudos sobre o processo de seleção de notícias. Conforme o autor, a teoria se desenvolveu na Universidade de Birmingham, Inglaterra, a partir da década de 1960 e “nasceu fazendo uma forte crítica ao empirismo da sociologia da comunicação norte-americana” (2002, p.130). Com forte influência da escola de Frankfurt, caracterizada por seu posicionamento crítico sobre as relações capitalistas de produção na mídia, o *newsmaking* tem, segundo Motta, entre seus autores Stuart Hall, que vê no processo de produção da notícia uma busca constante pelo equilíbrio e neutralidade.

Em artigo produzido em conjunto com Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts, Hall (1999) afirma que o jornalista é o agente tradutor que produz sentido, significado, aos acontecimentos para que eles possam ser entendidos de forma consensual pela sociedade na qual a mídia está inserida. Isso só é possível porque o jornalista dispõe do que ele classifica de “mapas” culturais da sociedade na qual está inserido e para a qual está encarregado de apresentar os fatos em forma de notícias.

Se o mundo não é para ser representado como uma confusão de acontecimentos desordenados e caóticos, então estes acontecimentos devem ser identificados (isto é, designados, definidos, relacionados com outros acontecimentos do conhecimento público) e inseridos num contexto social (isto é, colocados num quadro de significados familiares ao público). Este processo – a identificação e contextualização – é um dos mais importantes,

através do qual os acontecimentos são 'tornados significativos' pelos *media*. Um acontecimento só 'faz sentido' se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais 'mapas' culturais do mundo social, não poderiam 'dar sentido' aos acontecimentos invulgares, inesperado e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é 'noticiável' (HALL, apud MOTTA, 1999, pp.225 -226).

Os autores citados constataam que o desenvolvimento dos estudos sobre a hipótese do *newsmaking* estão voltados principalmente à compreensão do papel do profissional da informação (o jornalista) enquanto intermediário entre o fato (acontecimento) e a notícia, que constitui na publicação (tornar público) da narrativa do episódio. De acordo com Hohlfeldt (2008, p.215), os estudos sobre o *newsmaking* incluem ainda uma análise do relacionamento entre as fontes e os jornalistas, além das etapas de produção informacional, que vai da captação da informação pelo repórter, seu tratamento (redação da notícia), edição e sua distribuição.

A questão da política editorial da empresa de comunicação (local de trabalho do jornalista) também faz parte do processo de produção da notícia, pois exerce influência sobre a postura do profissional. Traquina (1999) analisa esse contexto e destaca a empresa jornalística como fator importante no processo de filtragem do que será ou não convertido em notícia.

As decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção da notícia (*newsmaking*) só podem ser entendidas inserindo o jornalista no contexto mais imediato – o da organização para a qual ele ou ela trabalha. (TRAQUINA, 1999, p.169)

O processo da produção de notícias passa ainda pela questão do valor notícia. Um fato só vai ser notícia depois de passar por um processo de filtragem (*gate-keeping*) da redação. Para Hohlfeldt, o processo de coleta de informações vem sofrendo uma gradual mudança com o decorrer dos anos, e isso interfere na própria forma de fazer o jornalismo.

Antigamente, dizia-se que o jornalista saía à caça das informações e a figura do enviado especial e, sobretudo, do correspondente de guerra contribuía para certa visão mítica do jornalismo aventureiro e audacioso. Hoje em dia, de modo geral, a informação chega a redação sem o mínimo de esforço do profissional que deve, sobretudo, distinguir e selecionar do conjunto aquele rol de informações a serem transformadas efetivamente em noticiário. Tecnologias como o telefone ajudaram muito a esta modificação. De modo geral, é por meio de um telefone, efetivamente, e de um telefone celular, hoje em dia, que o jornalista constrói a sua matéria. (HOHLFELDT, 2001, pp.214-215)

E o que dizer da internet? Com o advento dessa nova plataforma, o ciberespaço passou a ser objeto de estudo de diversos pesquisadores que buscam, através de seus trabalhos, entender quais são as consequências que uma nova forma de comunicação eletrônica poderá trazer para a sociedade. O que se sabe é que a produção de notícias (*newsmaking*) também foi afetada por esse processo tecnológico.

### 1.2.1 Os Critérios de Noticiabilidade

As considerações sobre os critérios de noticiabilidade não são novas. A primeira tese sobre jornalismo, escrita por Tobias Peucer e defendida em 1690, na Universidade de Leipzig, já apontava as primeiras concepções sobre o que deve e o que não deve ser publicado.

Pois bem, como estes fatos são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dada preferência aos axiomaticamente notáveis, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou reconhecidos. São desta natureza, em primeiro lugar, os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes que nunca neste século. Depois, as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimônias públicas [...] Finalmente os temas eclesásticos e literários: como a origem desta ou daquela religião, seus autores, seus progressos, as novas seitas, os preceitos doutri-

nais, os ritos, os cismas, a perseguição que sofrem, os sínodos celebrados por motivos religiosos, os decretos, os escritos mais notáveis dos sábios e doutos, as disputas literárias, as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da igreja ou da literatura. (PEUCER, 2004, p.21)

Os critérios de noticiabilidade estabelecem uma rotina produtiva que busca realizar o tratamento de fatos reais e transformá-los em notícias. Nesse sentido, a noticiabilidade pode ser entendida como a base da produção jornalística. É nessa linha que os valores-notícia surgem, para responder sobre quais são os fatos realmente importantes a ponto de serem transformados em notícia (WOLF, 1995, p. 175).

A relevância desses critérios justifica-se pela presteza essencial ao processo de produção-circulação-consumo-defasagem do processo comunicacional. O jornalista (produtor da notícia) necessita ter agilidade na captação, elaboração e distribuição do material. Dessa forma, os critérios de noticiabilidade servem como parâmetros para que o produtor da notícia sempre tenha em mente o que pode e o que não pode ser considerado um fato noticiável.

Vários são os autores que vêm trabalhando com os critérios de noticiabilidade, em especial na segunda metade do século XX. Silva (2005, pp.102-103) elabora um quadro no qual apresenta os principais autores que tratam dessa temática, bem como os valores-notícia propostos por cada um.

<b>Stieler:</b> novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo.
<b>Lippman:</b> clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal
<b>Bond:</b> referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou de bens (catástrofe); consequências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quanta de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência).
<b>Galtung e Ruge:</b> frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo
<b>Golding-Elliott:</b> drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos.
<b>Gans:</b> importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio.
<b>Warren:</b> atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências.
<b>Hetherington:</b> importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo.
<b>Shoemaker et all:</b> oportunidade, proximidade, importância/impacto, consequência, interesse, conflito/polêmica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro.
<b>Wolf:</b> importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse.
<b>Erbolato:</b> proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/invenções, repercussão, confidências.
<b>Chaparro:</b> atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa.
<b>Lage:</b> proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana.

Quadro 1 - Elencos de valores-notícia conforme diferentes autores Silva (2005, pp.102-103).

Ainda conforme Wolf (2003), a noticiabilidade é construída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos formatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública de notícia.

Tudo o que não responde a esses requisitos é "selecionado", uma vez que não se mostra adequado às rotinas de produção e aos cânones da cultura profissional: não conquistando o estatuto público de notícia, permanece simplesmente um evento que se perde na matéria-prima que o aparato informativo não consegue transformar e que, portanto, não deverá fazer parte dos conhecimentos do mundo, adquiridos pelo público por meio da comunicação de massa. Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informações enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2003 pp.195-196).

Além dos critérios de noticiabilidade, a produção da notícia depende também de outros fatores, que vão desde o relacionamento dos jornalistas com as fontes, até a empresa à qual o profissional é vinculado. Conforme a tradução de Fernando Correia (1997) para Schudson,

a criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, estrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas freqüentemente operam se as pensar (SCHUDSON apud CORREIA, p. 133).

O *blog* Jornalismo B, fonte de estudo desta pesquisa, apresenta uma forma peculiar de lidar com as notícias. Seu conteúdo representa uma crítica da mídia e é feito na forma de uma análise do que a grande mídia publica sobre assuntos polêmicos. O assunto escolhido para compor o corpo deste estudo é o processo das eleições presidenciais de 2010. Dentro deste tema, selecionaram-se os textos nos quais o *blog* Jornalismo B realiza uma crítica sobre a cobertura das eleições, realizada pelo jornal *Folha de São Paulo*.

### 1.3. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa, cuja história foi descrita por Laurence Bardin em sua obra *Análise de Conteúdo* (1977). Essa prática de pesquisa é utilizada há mais de meio século, sendo antecedida por diversas formas de abordar os textos, “de tradição longínqua” (p.14), como por exemplo, pela hermenêutica, pela retórica e pela lógica. Bardin afirma que o nome que de fato ilustra seu aparecimento é o do pesquisador norte-americano Harold Lasswell, ao empreender análises de imprensa e de propaganda desde o ano de 1915.

Desde o princípio do século, durante cerca de quarenta anos, a análise de conteúdo desenvolveu-se nos Estados Unidos. Nesta época o rigor científico invocado é o da medida, e o material analisado é essencialmente jornalístico. A Escola de Jornalismo de Colúmbia dá o pontapé de saída e multiplicam-se assim os estudos quantitativos dos jornais (BARDIN, 1977, p.15).

Sola Pool (apud BARDIN, 1977, pp. 20-21) resumiu as novas concepções que foram orientando a análise de conteúdo - também chamada academicamente de AC - as quais seriam divididas em “instrumental” e “representacional”.

De maneira grosseira, “representacional” significa que o ponto importante no que diz respeito à comunicação é o revelado pelo conteúdo dos itens léxicos nela presentes, isto é, que algo nas palavras da mensagem permite ter indicadores válidos sem que se considerem as circunstâncias, sendo a mensagem o que o analista observa. Grosso modo, ‘instrumental’ significa que o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula, dados os seus contextos e as suas circunstâncias.

A partir daí, determina-se que a função da AC não é mais meramente descritiva, surgindo a importante noção de inferência: “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventual-

mente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)". (BARDIN, 1977, p.38).

Ainda de acordo com Bardin, a técnica de AC se compõe de três grandes etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação. A mencionada autora descreve a primeira etapa como a fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa, os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. Portanto, a codificação e a categorização fazem parte da AC.

Na análise do *blog* jornalístico considerado para esta investigação, reter-se-ão as noções apresentadas, isto é, de que esta técnica da análise de conteúdo irá fornecer especialmente inferências que poderão ser extraídas das mensagens, com base nos seus enquadramentos. Considerar-se-á, portanto, um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a dedução de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.

A partir da AC, pode-se descobrir o conteúdo oculto, sem se deter apenas no conteúdo manifesto. O conteúdo manifesto leva o pesquisador a apoiar-se em conclusões baseadas em dados quantitativos, numa visão estática e no patamar de simples denúncia de realidades negativas para o indivíduo e a sociedade. O conteúdo latente abre perspectivas, sem excluir a informação estatística, muitas vezes, para descobrir ideologias, tendências e enquadramentos dos fenômenos que se analisam.

Martin W. Bauer, na obra *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (2008), destaca que a análise de conteúdo é um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas e que, embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culmine em descrições numéricas de algumas caracterís-

ticas do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita.

Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos (BAUER, 2008, p.190).

Sobre as categorias e categorização que serão construídas, Bauer (2008, p. 200) discorre que diversas considerações entram em jogo na construção de um referencial ou sistema de categorias: a natureza das categorias, os tipos de variáveis de códigos, os princípios organizadores do referencial de codificação, o processo de codificação e o treinamento para codificação.

Para contribuir com a análise do fazer jornalístico no *blog* Jornalismo B, especialmente com relação à crítica feita por ele à cobertura do período eleitoral de 2010 pela *Folha de São Paulo*, serão examinados cinco textos de uma amostra construída por esta autora e que será apresentada mais adiante.

### 1.3.1. As Categorias de Análise

Para realizar a análise dos dados, construiu-se um quadro de categorias que contemplam as duas teorias – *newsmaking* e análise de conteúdo – que compõem a base teórico-metodológica deste estudo.

Dentro do *newsmaking*, as categorias abordarão aspectos como os gêneros, critérios de noticiabilidade, enquadramento e imparcialidade. Sobre a análise de conteúdo, os aspectos abordados serão o assunto ou temática, objeto da crítica, candidato envolvido e argumentos utilizados pelo *blog* para fundamentar as críticas.

As categorias escolhidas são fundamentadas e descritas abaixo, separadas conforme a metodologia que representam. Elas visam entender a prática jornalística a partir do newsmaking e da análise de conteúdo.

## Newsmaking

<b>Gêneros</b>	<p><b>Informativo:</b> segundo José Marques de Melo (2003), esse gênero é composto por nota, notícia, reportagem e entrevista.</p>	<p><b>Nota:</b> relato de acontecimentos que estão em processo de configuração.</p>
		<p><b>Notícia:</b> relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social.</p> <p><b>Reportagem:</b> relato ampliado de um fato que já eclodiu no organismo social e produziu/ produzirá mudanças.</p> <p><b>Entrevista:</b> relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato com a coletividade.</p>
	<p><b>Opinativo:</b> composto por editorial, artigo, resenha ou crítica, coluna, comentário, crônica, charge e caricatura e carta.</p>	<p><b>Editorial:</b> considerado a voz do jornal, tendo direção ideológica. Possui cinco categorias: 1)Morfologia: artigo de fundo de nota; 2) Topicalidade: preventivo de ação, de consequência; 3) Conteúdo: informativo, normativo, ilustrativo; 4)Estilo: intelectual, emocional; 5) Natureza: promocional, circunstancial e polêmico.</p>

<b>Gêneros</b>		<p><b>Artigo:</b> não traduz necessariamente a opinião do jornal. Pode ser dividido em doutrinário – analisa uma questão, sugerindo um ponto de vista ao público – ou científico – objetiva tornar público os avanços da ciência.</p>
		<p><b>Resenha ou crítica:</b> a resenha representa a apreciação de uma obra, com a finalidade de orientar seus consumidores. Já a crítica cumpre a função de julgamento estético.</p>
		<p><b>Coluna:</b> <i>“Mecanismo de reprodução social e de controle político da sociedade”</i> (Melo, 2003, p.144) categoria opinativa que aparece de forma híbrida, pois pode ser desde uma crônica social, até um relato noticioso.</p>
		<p><b>Comentário:</b> é um gênero intermediário entre o editorial e a crônica, induzindo o leitor à ironia e algumas vezes ao humor.</p>
		<p><b>Crônica:</b> forma de expressão do jornalista/escritor, a crônica tem por objetivo transmitir ao leitor seu juízo sobre os fatos, ideias e estados psicológicos, pessoais e coletivos.</p>

<b>Gêneros</b>	<b>Charge e caricatura:</b> sentido nitidamente opinativo, “opinião ilustrada”.
	<b>Carta:</b> revela a opinião do leitor. Constitui o primeiro formato da manifestação da audiência.
	<b>Interpretativo:</b> analisa os formatos e os elementos utilizados para a apresentação do fato.
	<b>Utilitário:</b> propósito principal de orientar o receptor, proporcionando-lhe uma informação útil, de imediato. Essas informações o auxiliam a tomar decisões que podem influenciar sua vida cotidiana.
	<b>Diversional:</b> gênero complementar, de caráter emocional, com o objetivo de ofertar diversão para o público consumir em momentos de lazer.
<b>Crítérios de noticiabilidade</b>	Apresentam qual é o valor notícia do fato, qual é o elemento que faz o fato virar notícia e porque o fato pode ser considerado importante. Os critérios de noticiabilidade foram citados anteriormente, no Quadro 1, p. 9.
<b>Enquadramento</b>	Aponta qual é o aspecto do fato que foi selecionado pelo jornalista para virar notícia, no momento da produção.
<b>Imparcialidade</b>	Implica o fato de haver ou não um posicionamento claro ou nas entrelinhas do jornalista ou do veículo em questão.

Tabela 01: Categorias de análise relacionadas ao newsmaking. .

## Análise de Conteúdo

Categoria	Descrição
<b>Assuntos</b>	Temas que aparecem nas notícias – assunto dos textos criticados.
<b>Objeto da crítica</b>	O que, dentro de cada texto escolhido para a análise, é criticado pelo <i>blog</i> Jornalismo B.
<b>Candidato</b>	Mostrará qual é o candidato citado na matéria. Pode apontar o posicionamento tanto da <i>Folha de São Paulo</i> quanto do <i>blog</i> Jornalismo B.
<b>Argumentos</b>	Quais são os argumentos utilizados pelo redator dos textos para fundamentar sua crítica. Ele usa exemplos? Quais são?

Tabela 02: Categorias de análise relacionadas à análise de conteúdo

## 2. O CORPUS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta um breve histórico do *blog* Jornalismo B e quais foram os critérios utilizados para escolher a amostra – tanto no que diz respeito ao veículo ao qual as críticas são direcionadas, tanto no que se refere aos textos escolhidos para compor a amostragem desta pesquisa.

### 2.1. O *blog* Jornalismo B

De acordo com O *blog* Jornalismo B, ele nasceu em uma cadeira da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2007, como um trabalho acadêmico e, com o tempo, foi ganhando amadurecimento até se transformar em um espaço de militância e atividade profissional diária (Jornalismo B, 2007).

Em 2010, a luta pela democratização da comunicação, bandeira do Jornalismo B, deu origem ao *Jornalismo B Impresso*, para complementar o trabalho feito no *blog*. Enquanto na internet os *posts* desconstróem e denunciam o discurso da grande mídia, no jornal impresso reconstrói-se esse discurso a partir de uma visão de esquerda (Jornalismo B, 2007).

Para a realização desta pesquisa, analisa-se o espaço *online* do Jornalismo B. Todos os textos do *blog*, e em especial os selecionados para constituir o *corpus* do trabalho, apresentam uma crítica à cobertura realizada pela grande mídia.

De acordo com José Luiz Braga (2006), um processo internacional sobre a mídia pode ser considerado crítico quando atende a pelo menos um dos seguintes requisitos: a) é crítico porque tensiona processos e produtos midiáticos gerando dinâmica de mudanças; b) é crítico porque exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada.

Consideraremos, assim, como *processo críticos*, dentro do sistema de interação social sobre a mídia, os que se voltam para os processos de produção midiática e seus produtos em termos de um enfrentamento tensional que, direta ou indiretamente possa resultar em crítica interpretativa, ou em controle de desvio e equívocos midiáticos, em aperfeiçoamentos qualitativos, na defesa de valores sociais, em aprendizagem e em socialização competentes, na fruição qualificada em termos reflexivos ou estéticos, em informação de retorno, redirecionadora dos produtos, em percepções qualificadas. (BRAGA, 2006, p. 46)

Além de realizar uma crítica da mídia, o *blog* Jornalismo B se autodeclara um veículo de mídia independente, desligado de grandes grupos midiáticos e interesses comerciais.

As práticas de mídia independente, também denominadas alternativas, segundo Anamaria Fadul (1982), são, costumeiramente, entendidas como ações que visam pluralizar as vozes do debate público, ao oferecer temas, ângulos e até mesmo fatos que são deixados de lado, silenciados quando não utilizados pelos veículos da grande mídia, orientados pelo interesse comercial. Assim, as práticas de mídia alternativa são prioritariamente articuladas ao modelo da contrainformação, que tem como função fornecer o acesso à opinião pública para os mais diferentes grupos sociais, políticos, étnicos, religiosos, de gênero e orientação sexual. Pode-se encontrar o modelo de contrainformação na maioria das manifestações identificadas como de mídia alternativa, como em jornais populares, rádios comunitárias, experiências com vídeo e cinema e publicações impressas de pequena escala dirigidas e voltadas pa-

ra pequenos grupos, muitos deles envolvidos em movimentos sociais (FADUL, 1982).

O conceito de contrainformação tem como principal origem o trabalho do pensador italiano Pio Baldelli, que acredita que a função da contrainformação seria a de “garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais” (BALDELLI apud FADUL, 1982, p. 36). Dessa forma, Anamaria Fadul (1982) afirma que a contrainformação “significa ao mesmo tempo práticas de comunicação e militância política que resistem à ordem hegemônica e lutam pela instalação de uma nova hegemonia” (1982, p. 36). Para a autora, o conceito se refere desde as práticas de comunicação clandestinas, fora do circuito normal de comunicação, até a criação de meios populares de comunicação.

John Downing (2002), em seu trabalho *Mídia Radical*, identifica as práticas de mídia alternativa – ou como define o autor, mídia radical alternativa - como uma história em contínuo movimento, que se desdobra pelos mais diversos países, em diferentes momentos históricos. Segundo o autor, o modelo de contrainformação, em que a mídia radical toma o papel de “quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer as verdades” (DOWNING, 2002, p.49), tem legitimidade principalmente sob regimes opressores e reacionários, que se utilizam fortemente da censura e do controle da informação. Em cenários “menos tensos”, porém, em que a hegemonia capitalista é abastecida principalmente pela autocensura e pelo interesse comercial das mídias convencionais em manter as coisas como estão, Downing afirma que

a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas (DOWNING, 2002, p. 50).

Ainda que os exemplos históricos e estudos de caso aprofundados oferecidos por Downing no mesmo trabalho demonstrem a predominância do modelo de contra-informação na história das práticas de mídia alternativa, sua recusa em aceitar somente esta função para estas manifestações tem uma de suas origens na própria concepção de mídia do autor. Downing entende por mídia radical não só as atividades que utilizam veículos de comunicação tradicionais (rádio, televisão, mídia impressa, vídeo, internet), como também a arte performática, o grafite, o vestuário, as músicas populares, enfim, uma gama de atividades culturais que abrem possibilidade de experimentação em busca de outras formas de comunicação.

Outro autor que se manifesta sobre as mídias alternativas é Martin-Barbero (2009), que distingue o que são meios alternativos, meios comunitários e meios cidadãos. Os meios alternativos são aqueles pequenos e que significam uma alternativa aos grandes meios comprometidos e entregues ao imperialismo. Os comunitários já significam a democratização interna dos meios com a participação do povo, ao passo que os meios cidadãos são aqueles que falam da vida do bairro, do município, olham para o país, têm coisas a dizer ao país. Trata-se de expressão da vida cotidiana das pessoas, de um bairro, de um município, da zona mais dura da guerra, mas interpelando o país.

#### 2.1.1. Alexandre Haubrich: o produtor dos textos

Os textos escolhidos para esta análise foram escritos por Alexandre Haubrich, fundador e editor do *blog* Jornalismo B. Mesmo contando com diversos colaboradores, a maior parte das postagens feitas no *blog* é de autoria de Haubrich.

Conforme o portal Diário da Liberdade, Alexandre Haubrich é formado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Já atuou como repórter do jornal *Já* e da revista *O Dilúvio*. Em 2010 foi correspondente do portal iG em Porto Alegre, cobrindo a campanha eleitoral no Rio Grande do Sul. Atualmente, além de ser editor do *blog* Jornalismo B, escreve quinzenalmente para o portal Diário da Liberdade, e é colaborador da revista *Viés*.

Como é destacado no seu texto de apresentação, o *blog* Jornalismo B, desde seu surgimento, apresenta uma postura política clara. Os textos nele veiculados expõem uma visão esquerdista dos fatos (Jornalismo B, 2007). Tal posição é confirmada por elementos dos textos – que serão citados e analisados mais adiante – e pôde ser confirmada durante o último pleito municipal, quando o editor do Jornalismo B manifestou publicamente - através de um vídeo no YouTube - seu apoio à candidata a vereadora pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) em Porto Alegre, Fernanda Melchionna.

### 2.1.2. As eleições 2010

As eleições presidenciais de 2010 tiveram dois turnos. A votação para o primeiro turno aconteceu no dia 03 de outubro.

Os candidatos que apresentavam maior índice de votação, conforme as pesquisas da Folha de São Paulo eram Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, e José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira.

Concorriam com eles os candidatos Marina Silva, do Partido Verde; Plínio de Arruda Sampaio, do Partido Socialismo e Liberdade; Ivan Pinheiro, do Partido Comunista Brasileiro; Zé Maria, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado; José Maria Eymael, do Partido Social Democrata Cristão; Levy Fidelix, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro; e Rui Costa Pimenta, do Partido da Causa Operária.

Os candidatos dos dois maiores grupos políticos foram a ex-ministra-chefe da Casa Civil do governo Lula Dilma Rousseff, da coligação *Para o Brasil seguir mudando*, tendo o deputado Michel Temer como candidato a vice-presidente, e o ex-governador de São Paulo, José Serra, da coligação *O Brasil pode mais*, tendo o deputado Indio da Costa como candidato a vice.

Segundo artigo da agência Reuters (RAYMOND, 2010), ambos os candidatos ofereciam pouco risco à estabilidade econômica do país e seriam capazes de manter o superávit primário do orçamento a fim de pagar a dívida pública e reduzir a taxa da dívida no PIB. No mesmo artigo, em uma análise sob a perspectiva econômica e

fiscal, são indicadas diferenças significativas em questões como disciplina fiscal, política externa e intervenção estatal.

Segunda essa visão, Serra poderia conter as despesas correntes de forma mais eficaz e Dilma favoreceria um papel maior no estado na economia, com a criação de mais empresas estatais. Serra, que autorizou a venda do banco Nossa Caixa em 2008, é visto como mais aberto às privatizações. Era esperado que Dilma e Serra mantivessem a política externa independente adotada por Lula, impulsionando laços com nações em desenvolvimento, pressionando pela reforma em organismos multilaterais e lutando para um assento permanente do país no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Apesar dessa visão aparentemente pacífica, oferecida pelo artigo sobre os candidatos e suas propostas, muitas questões polêmicas apareceram especialmente no segundo turno.

Marina Silva, ex-ministra do meio ambiente de Lula, era o candidato que ocupava a terceira posição nas pesquisas. No final de 2009, ela trocou o PT, partido que integrava desde sua fundação, para se juntar ao Partido Verde. Internacionalmente conhecida por defender a Floresta Amazônica, Marina ainda não se destacou no Brasil, obtendo sempre menos de 7% nas pesquisas de intenção de voto.

O candidato que ocupava a quarta posição nas pesquisas era Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL.

O segundo turno das eleições aconteceu no dia 31 de outubro. Na disputa entre PT e PSDB, a petista Dilma Rousseff foi eleita com 56,05% dos votos, conforme o site do Tribunal Superior Eleitoral.

### 2.1.3. A amostra

Como material para análise dos dados, selecionou-se uma amostragem de textos publicados no *blog* Jornalismo B, durante o período eleitoral de 2010. Foram escolhidos cinco textos, com datas, respectivamente, de nove de março, 13 de abril, 16 de agosto, 27 de setembro e 16 de novembro.

Os referidos textos compõem o universo das críticas que foram publicadas como análise das matérias do jornal *Folha de São Paulo*; destes, um deles (nove de março) data do período de pré-candidatura – quando os nomes de Dilma Rousseff e José Serra ainda não haviam sido oficializados -; três deles (13 de abril, 16 de agosto, 27 de setembro) foram escritos durante o período eleitoral; e um deles (16 de novembro) foi escrito no período de pós-eleições.

A escolha das críticas feitas à *Folha de São Paulo* se deu devido ao fato de o mencionado periódico ser, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), o segundo maior jornal de circulação nacional. Conforme o IVC, a circulação média diária em 2010 foi de 294.498 exemplares. A *Folha de São Paulo* é um dos jornais mais influentes do país e pertence ao Grupo Folha – conglomerado de cinco empresas que pertence à família Frias.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a descrição e análise dos textos da amostra da pesquisa a partir das categorias de análise propostas anteriormente.

#### 3.1. Aplicação das categorias de análise aos textos da amostra

A análise dos dados foi processada a partir do cruzamento dos textos que foram selecionados para a análise, com as categorias apresentadas anteriormente, partindo dos princípios da análise de conteúdo e da hipótese do newsmaking.

Por meio desta análise será respondido o problema de pesquisa deste estudo, que questiona os elementos dos textos produzidos pelo blog Jornalismo B.

A presente pesquisa é um estudo de caso onde se analisam textos que foram publicados no *blog* Jornalismo B e que fazem críticas à FSP. São analisadas a construção noticiosa e o conteúdo dos referidos textos.

Esta pesquisa se configura como bibliográfica e documental em sua fase inicial com objetivos específicos de construção do referencial teórico e apresentação do cenário onde são construídas as críticas feitas pelo *blog*.

Gil (2002) explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. De acordo com Raupp e Bauren (2003), o material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo referencial já tornado público em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas,

boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, dissertações, teses, entre outros.

A pesquisa documental, de acordo com Silva e Grigolo (2002) vale-se de materiais que ainda não receberam qualquer análise aprofundada. Esse tipo de pesquisa visa, assim, a selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando contribuir com a comunidade científica a fim de que outros possam voltar a desempenhar futuramente o mesmo papel.

Como o objeto de análise são as críticas publicadas no *blog* Jornalismo B, vale ressaltar que o interesse está focado na análise do texto online, e não no que é publicado na versão impressa do Jornalismo B, que circula aos assinantes quinzenalmente.

A tabela 3, abaixo, apresenta as categorias a partir da hipótese do newsmaking usadas para a análise dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

<b>Textos</b>	Folha Dá o Tom (09/03/2010)	Entrevistas de Dilma e Serra mostram posição da Folha de São Paulo (13/04/2010)	Colunista Política da Folha pensa em Votar no Uni, Duni, Tê (16/08/2010)	O mal a evitar (27/09/2010)	O revanchismo da Folha contra Dilma (16/11/2010)
<b>Categorias</b>					
Gênero da matéria da FSP criticada pelo <i>blog</i>	Informativo/ Reportagem	Informativo/ Entrevista	Opinativo/ Coluna	Opinativo/ Editorial	_____
Critério de Noticiabilidade	Importância; atualidade; proeminência.	Proeminência; interesse; curiosidade.	Atualidade; Referente ao governo.	Atualidade; Importância; Interesse.	Atualidade Importância Proeminência
Enquadramento destacado pelo <i>blog</i>	Atividades dos dois pré-candidatos à Presidência da República.	Entrevistas concedidas pelos candidatos à Folha de São Paulo em abril de 2010.	Colunas escritas por Fernanda Torres, colunista política da Folha, que diz ser viável definir o voto na sorte.	Pontos do editorial da Folha no dia 29 de setembro que fazem ameaça aberta ao governo Lula/ Dilma	Decisão da Justiça de que a <i>Folha</i> poderia ter acesso ao processo da Ditadura Militar contra a presidente Dilma.
Imparcialidade do <i>blog</i>	Apresenta aspectos de defesa à Dilma.	Apresenta aspectos de defesa à Dilma.	Posiciona-se claramente contra a Folha.	Apresenta aspectos de defesa à Dilma.	Apresenta aspectos de defesa à Dilma.

Tabela 3 - Categorias de análise do newsmaking aplicadas à amostragem.

### **Texto 1: Folha dá o tom**

O primeiro texto, publicado pelo *blog* no dia nove de março de 2010, faz uma crítica às reportagens publicadas pela *Folha* no mesmo dia.

Os critérios de noticiabilidade que foram considerados pelo *blog* Jornalismo B para realizar a crítica foram a importância, a atualidade e a proeminência do assunto. O enquadramento destacado pelo *blog* foram as atividades dos dois candidatos à Presidência da República.

Pelos elementos apresentados no texto, é possível considerar que o posicionamento do *blog* é tendencioso, ou seja, parcial, por apresentar aspectos de defesa à candidata do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff.

### **Texto 2: Entrevista entre Dilma e Serra mostra posição da Folha de São Paulo**

O segundo texto, “Entrevistas de Dilma e Serra mostram posição da Folha de São Paulo”, foi publicado no dia 13 de abril de 2010, e faz uma crítica às entrevistas dos candidatos, veiculadas na FSP no dia 11 e 12 do mesmo mês.

Os critérios de noticiabilidade considerados pelo *blog* foram a proeminência, o interesse e a curiosidade, e o enquadramento da crítica destaca as entrevistas dos dois candidatos e a forma como as mesmas foram tratadas pela FSP.

Pelos elementos apresentados no texto, é possível considerar que o posicionamento do *blog* é tendencioso, ou seja, parcial, por apresentar aspectos de defesa à candidata do Partido dos Trabalhadores, Dilma Rousseff.

### **Texto 3: Colunista Política da Folha pensa em votar no uni, duni, tê**

O terceiro texto faz uma crítica à coluna política, escrita por Fernanda Torres e publicada na FSP no dia 15 de agosto de 2010.

Os critérios de noticiabilidade que foram levados em consideração pelo *blog* no momento da produção da crítica foram a atualidade e a referência ao governo.

O enquadramento da crítica destaca a posição da colunista, que afirma que na situação atual em que se encontra a política brasileira, é mais viável definir o voto “na sorte”, sem conhecer o candidato.

Neste texto, o *blog* utiliza elementos que deixam claro seu posicionamento contra a FSP, ou seja, está sendo imparcial em relação aos candidatos, já que não faz alusão à nenhum deles, mas critica veemente a postura da *Folha*.

#### **Texto 4: O mal a evitar**

O quarto texto da amostra é uma crítica ao editorial publicado na *Folha* no dia 26 de setembro de 2010. Os critérios de noticiabilidade considerados pelo *blog* foram a atualidade, a importância e o interesse.

O enquadramento da crítica destaca o posicionamento da FSP, que faz uma ameaça “aberta”, de acordo com o *blog*, ao governo Lula e (na época) futuro governo Dilma.

Assim como o primeiro e o segundo textos da amostra, esta crítica apresenta aspectos tendenciosos, de defesa à candidata Dilma Rousseff.

#### **Texto 5: O revanchismo da Folha contra Dilma**

Diferente dos demais, o último texto da amostra não faz uma crítica à matérias publicadas pela FSP. O que é criticado é a postura da *Folha*, que lutou na Justiça para conseguir o direito de ter acesso ao processo da Ditadura Militar contra a presidente Dilma Rousseff.

Os critérios de noticiabilidade considerados pelo *blog* foram a atualidade, a importância e a proeminência; o enquadramento foi a decisão da Justiça de que a *Folha* poderia ter acesso ao processo da Ditadura Militar contra a presidente Dilma.

A crítica apresenta aspectos de defesa à Dilma Rousseff.

A tabela 4 apresenta as categorias a partir do método da análise de conteúdo.

<b>Textos</b>	Folha dá o Tom (09/03/2010)	Entrevista de Dilma e Serra mostram posição da Folha de São Paulo (13/04/2010)	Colunista Política da Folha pensa em Votar no Uni, Duni, Tê (16/08/2010)	O mal a evitar (27/09/2010)	O revanchismo da Folha contra Dilma (16/11/2010)
<b>Categorias</b>					
Assunto da matéria criticada	Atividades dos dois pré-candidatos à Presidência da República.	Entrevistas com os dois candidatos.	Colunas políticas da Folha que defendem o posicionamento de Collor e que diz ser viável definir o voto na sorte	O editorial fala sobre o governo julgar-se acima das críticas, afirmando que todo poder tem limite.	Não é uma crítica à um texto, e sim à postura da <i>Folha</i> .
Objeto de Crítica	Abordagem tendenciosa com que a Folha cobre os acontecimentos ligados ao período eleitoral.	Aspectos das entrevistas de Dilma e Serra ao jornal.	Posicionamento da colunista.	Tom do editorial da Folha, que ameaça derrubar o governo Dilma (nesta época praticamente confirmado).	Ânsia da <i>Folha</i> para ter acesso aos arquivos contra Dilma, e falta de interesse nos demais arquivos, de tantos outros condenados pela Ditadura.
Candidato referido no texto criticado	Dilma Rousseff e José Serra	Dilma Rousseff e José Serra	Nenhum.	Dilma Rousseff	Dilma Rousseff
Argumentos	<p>1º - Foram publicadas três matérias relacionadas à Dilma e uma à Serra.</p> <p>2º - As matérias relacionadas à Dilma apresentam aspectos negativos, enquanto a de Serra é neutra.</p> <p>3º - Manipulação das informações.</p>	<p>1º - Espaço destinado para cada uma das entrevistas.</p> <p>2º - Disposição escolhida para cada entrevista: Dilma = disposta na forma de matéria, com tópicos de divisão de assuntos; Serra: forma de entrevista, pergunta x resposta.</p> <p>3º - Títulos, linhas de apoio e fotos dão o tom das entrevistas a favor de Serra.</p> <p>4º - Perguntas feitas à Dilma apontavam os pontos fracos do governo Lula, enquanto as feitas à Serra falavam sobre sua trajetória política e vida pessoal.</p>	<p>1º - Colunista não tem propriedades, nem conhecimento para falar sobre política.</p> <p>2º - Textos sem conteúdo que contribuem para o esvaziamento político.</p> <p>3º - Folha não estimula o debate e não fortalece a democracia.</p>	<p>1º - Editorial fala que o governo julga-se acima das críticas.</p> <p>2º Folha busca para si o poder absoluto.</p> <p>3º - Tenta apontar a imparcialidade da Folha, mas faz críticas ao governo Lula e ao futuro governo Dilma.</p> <p>4º - Ameaça abertamente derrubar o futuro governo Dilma.</p>	<p>1º - O objetivo da <i>Folha</i> era ter acesso ao processo antes da decisão das eleições no segundo turno.</p> <p>2º - O processo esteve aberto durante muitos anos, e a <i>Folha</i> se interessou por ele apenas nas vésperas da eleição.</p> <p>3º - <i>Folha</i> busca uma revanche contra Dilma, por causa da derrota do candidato que apoiava (Serra).</p>

Tabela 4. Categorias de análise de conteúdo aplicadas à amostragem.

### **Texto 1: Folha dá o tom**

A crítica foi feita por Alexandre Haubrich, que entendeu como tendenciosa a cobertura dos acontecimentos ligados ao período eleitoral, realizada pela *Folha*. O texto “Folha dá o tom” faz referência às atividades dos dois candidatos com os maiores índices nas pesquisas pré-eleitorais: Dilma Rousseff e José Serra.

Os argumentos utilizados pelo *blog* para realizar a crítica levam em consideração as publicações na FSP e os conteúdos veiculados.

No dia nove de março de 2010, foram publicadas três matérias relacionadas à Dilma Rousseff e uma a José Serra.

As matérias relacionadas à Dilma apresentavam aspectos negativos. Elas foram publicadas com os seguintes títulos: “Site de apoio a Dilma está em nome de mulher, mas ela diz que é um engano”, “PT pagará salário para Dilma em campanha” e “Para defender candidata, Lula ataca imprensa”.

A matéria relacionada a Serra apresentava aspectos neutros. Ela foi publicada com o seguinte título: “Tucano vê ansiedade para oficializar Serra”.

### **Texto 2: Entrevista entre Dilma e Serra mostra posição da Folha de São Paulo**

No segundo texto da amostra, o *blog* Jornalismo B faz uma comparação entre as entrevistas dos dois principais candidatos, publicadas nos dias 11 e 12 de abril de 2010. Os dois candidatos, Dilma e Serra, são mencionados na crítica.

Assim como no primeiro texto, o *blog* considerou como tendenciosa a posição da FSP. E para fundamentar sua visão, utilizou-se de argumentos que variam desde o espaço destinado aos dois candidatos, até as perguntas feitas pelo jornalista que realizou a entrevista.

Conforme o *blog*, o espaço destinado para Serra foi maior que o destinado para Dilma. A entrevista de Dilma foi disposta na forma de matéria, com subtítulos relacionados aos temas das perguntas. Já a de Serra foi no estilo “pingue-pongue”,

ou seja, pergunta, seguida de resposta. Os títulos, as linhas de apoio e as fotos (que podem ser conferidas no Anexo 2) são melhores dispostas na entrevista de Serra, o que sugere um tom de favorecimento ao candidato.

De acordo com o olhar do *blog*, as perguntas feitas à Dilma buscavam apontar os pontos fracos do governo Lula, enquanto as feitas a Serra falavam sobre sua trajetória política e vida pessoal.

### **Texto 3: Colunista Política da Folha pensa em votar no uni, duni, tê**

Diferente dos dois primeiros textos, o terceiro não faz referência a nenhum dos candidatos. A crítica está voltada para Fernanda Torres, colunista política da *Folha* na época, que na sua coluna publicada no dia 15 de agosto de 2010, diz ser viável votar na sorte, ou como diz o título da crítica, no “uni, duni, tê”.

A crítica faz alusão também à coluna anterior, que apresenta um posicionamento a favor da política feita por Fernando Collor de Melo.

Para fundamentar a crítica, são apresentados os seguintes argumentos: a colunista não tem histórico na política e nem aparenta ter interesse na área, portanto não deveria estar escrevendo sobre o assunto; os textos não apresentam nenhum conteúdo que possa acrescentar algo aos leitores e, pelo contrário, contribuem para o esvaziamento político; a escolha da colunista política mostra que a *Folha* não estimula o debate na área e que com esse comportamento, não fortalece a democracia.

### **Texto 4: O mal a evitar**

O quarto texto da amostra é uma crítica ao editorial publicado pela FSP no dia 26 de setembro de 2010.

O editorial fala que, muitas vezes, o governo se julga acima de qualquer crítica, e afirma que todo o poder tem limite. O objeto de crítica do *blog* foi o tom do edi-

torial, que ameaça abertamente derrubar o governo Dilma, nesta época praticamente confirmado.

A crítica cita apenas a candidata Dilma Rousseff, e apresenta elementos que vão a seu favor.

Os argumentos utilizados pelo *blog* para fundamentar sua crítica giram em torno, principalmente, do fato de a FSP tentar apontar sua imparcialidade, mas fazer críticas acirradas ao governo Lula e ao futuro governo Dilma. Logo, a postura da *Folha* torna-se contraditória.

### **Texto 5: O revanchismo da Folha contra Dilma**

Diferente dos demais, o último texto da amostra não faz uma crítica à matérias publicadas pela FSP. O que é criticado é a postura da *Folha*, que lutou na Justiça para conseguir o direito de ter acesso ao processo da Ditadura Militar contra a presidente Dilma Rousseff.

O objeto da crítica feita pelo *blog* é a ânsia da FSP para conseguir o acesso ao processo. A curiosidade está no fato de esse ser o único processo que a *Folha* teria interesse que fosse aberto, enquanto os outros milhares de arquivos que estão em sigilo, não representavam nada para o jornal.

Para fundamentar a crítica, o *blog* se utiliza dos seguintes argumentos: o processo na Justiça foi aberto pela *Folha* durante o período eleitoral, ou seja, a intenção seria usar os dados do processo contra Dilma como ferramenta de crítica; o processo contra Dilma esteve aberto e disponível por muitos anos, e não despertou o interesse da *Folha*; entende-se então que a *Folha* estaria buscando uma revanche contra Dilma, já que o candidato que apoiava (Serra) perdeu as eleições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo de pesquisa, foram surgindo questões acerca da imparcialidade, tanto da *Folha de São Paulo* como do *blog* Jornalismo B.

Ao mesmo tempo em que o *blog* critica a cobertura tendenciosa realizada pela FSP, e fundamenta suas críticas com argumentos que, quando analisados os textos, percebe-se serem reais, assume uma postura de defesa à candidata petista Dilma Rousseff, ou seja, assume um papel também tendencioso.

A postura dos dois veículos pode levar a questionamentos, tais como: a imparcialidade é possível? Não será a parcialidade uma prática comum de todo o jornalismo, onde somente alguns veículos conseguem dissimulá-la ou escondê-la mais e outros menos?

Encontrar essas respostas pode ser (e é) um trabalho árduo, uma vez que qualquer notícia, reportagem, entrevista, parte de um enquadramento, que nada mais é do que o recorte de um fato, realizado pelo jornalista responsável pela divulgação. Sendo assim, qualquer notícia, por mais isenta que seja, carrega uma carga de parcialidade, por ser noticiada a partir de um único olhar sobre o fato.

A partir desta pesquisa, percebeu-se, por meio da utilização da hipótese do newmaking, que *blog* Jornalismo B trabalha mais com a crítica da mídia, do que com o jornalismo propriamente dito. Tal afirmação se confirma quando consulta-se o conteúdo do *blog* e encontra-se releituras dos fatos noticiados. Ou seja, o *blog* não pos-

sui uma equipe que vai para a rua, apurar os fatos. Ele interpreta o que está nas entrelinhas das matérias jornalísticas já publicadas.

A parte da construção noticiosa, da apuração dos fatos e da reconstrução dos conteúdos já publicados pela grande mídia, é feita no *Jornalismo B Impresso*, que não compõe o objeto de estudo desta pesquisa.

O que fica claro, contudo, a partir da análise do conteúdo das críticas, é que o *blog* considera o trabalho da *Folha de São Paulo* uma construção social que não é a última palavra sobre os fatos. Isso não quer dizer que o *blog* tenha essa última palavra, mas que considera necessário apresentar as notícias de uma outra forma, trazendo para a luz o que, por vezes, fica subentendido.

O que fica visível também é que os dois veículos possuem posicionamentos diferentes: a *Folha* defendeu José Serra, e o *blog* defendeu Dilma Rousseff. Talvez não pelo fato de apoiar a candidata, mas por se opor à forma como a FSP realiza suas coberturas. É por isso que o *blog* *Jornalismo B* trabalha com a contrainformação, entendida como ações que visam pluralizar as vozes do debate público, ao oferecer temas, ângulos e até mesmo fatos que são deixados de lado, silenciados quando não utilizados pelos veículos da grande mídia, orientados pelo interesse comercial.

## REFERÊNCIAS

BEUREN, Ilse Maria; RAUPP, Fabiano Maury; SOUSA, Marco Aurélio Batista de; COLAUTO, Romualdo Douglas; PORTON, Rosimere Alves de Bona. **Como elaborar trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2003.

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia. São Paulo. Editora Paulus, 2006.

COLITT, Raymond. Positions of Brazil's leading candidates. Reuters, 2010.

CORREIA, Fernando. Os jornalistas e as notícias. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

DIÁRIO DA LIBERDADE. Alexandre Haubrich. Disponível em [HTTP://www.diariodaliberdade.org/component/comprofiler/userprofile/haubrich.html](http://www.diariodaliberdade.org/component/comprofiler/userprofile/haubrich.html) > acesso em 29 de setembro de 2012.

DOWNING, John D. H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

FADUL, Anamaria. "Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação". In: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). Comunicação, hegemonia e contra-informação, pp. 25-39. São Paulo: Cortez Intercom, 1982.

GIL, Antônio C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2001.

JORNALISMO B. Folha dá o tom. Disponível em <http://jornalismob.com/2010/03/09/folha-da-o-tom/> > acesso em 23 de agosto de 2012.

---. Entrevistas de Dilma e Serra mostram posição da Folha de São Paulo. Disponível em <http://jornalismob.com/2010/04/13/entrevistas-de-dilma-e-serra-mostram-posicao-da-folha-de-sao-paulo/> > acesso em 23 de agosto de 2012.

---. Colunista política da Folha pensa em votar no uni, duni, tê. Disponível em <http://jornalismob.com/2010/08/16/colunista-politica-da-folha-pensa-em-votar-no-uni-duni-te/> > acesso em 23 de agosto de 2012.

---. O mal a evitar. Disponível em <http://jornalismob.com/2010/09/27/o-mal-a-evitar/> > acesso em 23 de agosto de 2012.

---. O revanchismo da Folha contra Dilma. Disponível em <http://jornalismob.com/2010/11/16/o-revanchismo-da-folha-contradilma/> > acesso em 23 de agosto de 2012.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo. Asahi Gráfica e Editora. 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. In: Matrizes, ano 2, n. 2, São Paulo: USP, 2009.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Estudos em Jornalismo e mídia, v.1, n.2. Florianópolis: Insular, 2004, p.13-30.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo e mídia, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p.95-106.

SILVA, Marise Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II. Caderno pedagógico. Florianópolis: Udesc, 2002.

TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias". 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.

TSE. Estatísticas e resultados da eleição 2010. Disponível em [HTTP://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas](http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas) > acesso em 18 de novembro de 2012.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

---. Teorias da comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1



## Folha dá o tom

---

9 MAR



A cobertura que a Folha de São Paulo fez nesta terça-feira em relação às atividades dos dois principais pré-candidatos à presidência do Brasil foi exemplar na distinção que acontecerá a partir de agora entre Dilma Rousseff, do PT, e José Serra, do PSDB. Essa distinção tende a ser feita pela quase totalidade da grande imprensa, defensora semi-declarada de Serra.

A manchete de capa, assim como a matéria principal, foi equilibrada, com críticas aos dois candidatos: "Na reta final, Serra e Dilma lançam até obra inacabada". Estaria a Folha prestes a abandonar o barco da candidatura de Serra para pressionar o PSDB a encontrar uma saída viável para uma eleição que parece quase perdida? Pode ser. Ou não.

É nas outras matérias relacionadas aos dois candidatos que o tom que deve ser o predominante a partir de agora aparece. São três matérias diretamente relacionadas a Dilma, uma a Serra. As de Dilma são negativas, as três, enquanto a de Serra não pode ser considerada nem negativa nem positiva, apenas está ali. Os títulos não deixam dúvidas sobre esse posicionamento: “Site de apoio a Dilma está em nome de mulher, mas ela diz que é um ‘engano’”; “PT pagará salários para Dilma em campanha”; “Para defender candidata, Lula ataca imprensa” e “Tucano vê ansiedade para oficializar Serra”.

Agora vamos às matérias: o que dizem elas? O que elas não dizem?



A primeira exclusivamente sobre Dilma

trata de um site criado por um grupo de mulheres amigas da candidata. É claro que o título é nonsense, simplesmente não se entende qual o problema de o site estar em nome “de mulher”, assim como não se entende quem diz que é um engano, a “mulher” ou Dilma. O que acontece é que o site está registrado no nome de uma funcionária de um ministério, o que fez a Folha pensar que ali estaria mais uma boa oportunidade para arrumar alguma denúncia, ou ao menos uma sombra de denúncia. Não chegou nem a sombra, pois a própria matéria se resolve explicando que a tal “mulher” era funcionária da empresa que fez o site, por isso o registro no nome dela. Uma matéria que não teria sentido algum, não fosse o sentido de denunciamento e o sentido de vincular desmedidamente o nome de Dilma a qualquer manchete negativa.

Na segunda matéria, a manchete é colocada de forma negativa, mas na verdade mais uma vez não há informações muito interessantes. Apenas o fato de que, mais uma vez, um candidato será pago pelo partido. Apesar do teor condenatório, não é nada ilegal, e não me parece imoral. O texto lembra que o próprio Lula também recebeu salário do PT quando foi candidato.

Na última matéria diretamente relacionada a Dilma, mais uma questão instigante: onde Lula defendeu Dilma? As falas citadas pela Folha nas quais o presidente critica a imprensa: “a imprensa brasileira não gosta de falar de obras inauguradas. Ou seja, coisa boa não interessa, o que interessa é desgraça”. A única matéria diretamente relacionada a José Serra é uma nota reproduzindo fala do presidente do PSDB-SP, que afirma que o partido não precisa ter pressa para anunciar a candidatura de Serra, pois ainda se pode recuperar o tempo perdido.

É preciso ficar de olhos bem abertos. Se durante períodos mais afastados da corrida eleitoral a manipulação de informações, a criação de informações e as distorções ficam mais claras, quanto mais aproximam-se as eleições mais esses recursos tendem a esconder-se. Mas eles continuam ali, sussurrando aos berros.

*Postado por Alexandre Haubrich*

## ANEXO 2



## Entrevistas de Dilma e Serra mostram posição da Folha de São Paulo

---

13<sub>ABR</sub>

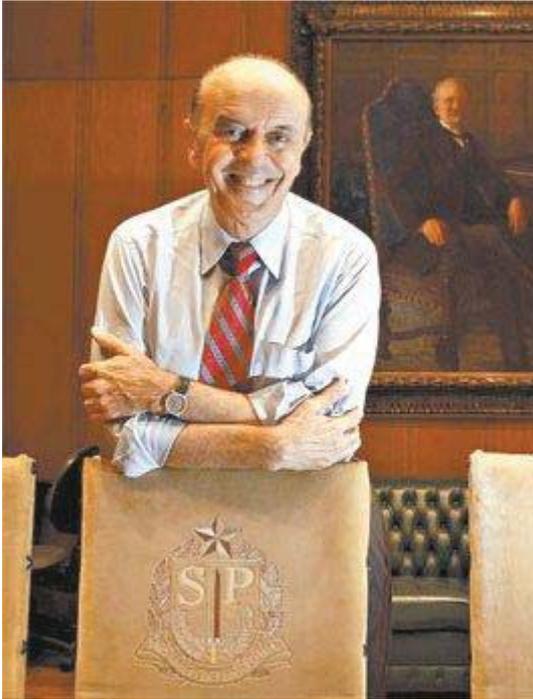
Em dois dias seguidos a Folha de São Paulo publicou entrevistas com os dois principais pré-candidatos à presidência da República, Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB). Feitas no mesmo dia e publicadas em dias subsequentes, na mesma editoria de Brasil, as entrevistas são exemplares do tipo de cobertura que a Folha já tem feito das eleições e deve continuar fazendo. As discrepâncias beiram o non-sense, e perpassam cada aspecto das matérias, começando pelo espaço destinado a cada uma: uma entrevista de “mais de duas horas”, de Dilma, mereceu uma página, enquanto uma entrevista de “mais de uma hora”, de Serra, levou duas páginas.



A disposição escolhida para a publicação das entrevistas já dá o tom. A entrevista de Dilma está disposta em forma de matéria,

com tópicos de divisão de assuntos e a forma indireta de discurso. Isso permitiu a Folha interpretar as respostas da petista e comentá-las, direta ou indiretamente (ao usar expressões como “porém” para demonstrar contradições no discurso ou “tom de desafio” para sugerir agressividade na fala de Dilma). Além disso, causa distanciamento maior entre o leitor e a entrevistada. No caso de José Serra, a entrevista foi publicada realmente como entrevista, com perguntas e respostas, com Serra falando diretamente ao leitor e sem que a Folha interferisse (interpretando ou comentando) suas palavras.

Os títulos escolhidos, assim como os “olhos” ou as linhas de apoio ou ainda as fotos, dão o tom que o jornal escolheu para cada entrevista: Dilma fala sobre economia, em termos complexos para o leitor comum, enquanto Serra é apresentado como sério, honesto, afável e, sobretudo, popular. Título para Dilma: “Não se pode reduzir juros ‘feito maluco’, diz Dilma”. Título para Serra: “A pior coisa é você parecer o que não é; tenho uma cara só”. Os chamados “olhos” da entrevista de Dilma são todos os dois sobre economia, enquanto os seis de Serra têm como títulos “Infância e Família” e “Exílio”. As linhas de apoio. Dilma: “Pré-candidata diz que manter política econômica é ‘mais do que compromisso’”. Serra: “Tucano diz ter ‘conteúdo popular’, mas admite que não é reconhecido pela origem humilde; na segunda candidatura, diz estar mais preparado para presidir o país”.



Sobre as entrevistas em si: as questões colocadas para Dilma foram todas econômicas (com exceção da última, sobre Reforma Tributária, outro assunto nada popular), e tentaram encontrar pontos fracos na pré-candidata, comentando assuntos que aparentemente trouxeram problemas para ela durante o governo Lula, buscando contradições. As perguntas devem ser críticas e tocar também nos pontos fracos, é claro. Mas com Serra isso não aconteceu.

As quatro primeiras perguntas feitas a José Serra foram sobre a “evolução” do tucano desde 2002, quando também se candidatou à presidência. Em seguida, questões sobre o exílio e a busca desenfreada por encontrar origens humildes em Serra. Tão desenfreada, tão desesperada, que o próprio entrevistado obrigou-se a brecá-la. A Folha, na pergunta, comentou: “O sr. é da Mooca, seu pai era feirante, mas essa origem não é associada a sua imagem política”. Serra começou respondendo que “Meu pai não era feirante. Ele tinha uma banca no Mercado Municipal”.

Após muitas perguntas sobre sua trajetória política e sua vida pessoal, apenas no fim da entrevista Serra começa a ser questionado sobre suas ideias para o governo. Algumas questões envolvem economia, mas em aspectos muito mais palpáveis, ou em perguntas que permitem ao ex governador de São Paulo desenvolver explicações ou falar em toma de campanha, como na pergunta “O sr. vai pregar na campanha o Estado ativo. O que significa?”.

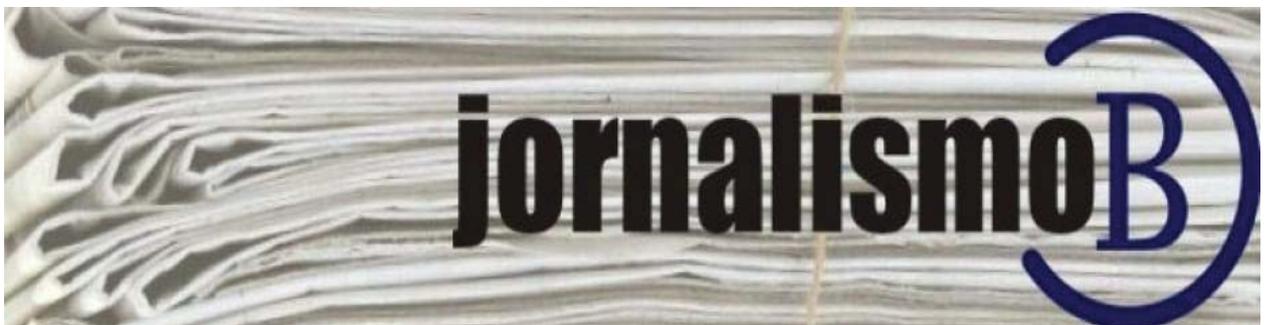
Por fim, as fotos. De Dilma, há apenas uma foto, meio de lado, quase como aquelas fotos sem-graça de divulgação. De Serra, são 10 fotos. Sim, 10. A principal é enorme. Nela, o tucano abre um sorriso gigantesco, de orelha a orelha, e olha diretamente nos olhos do leitor. Além dessa, são mais duas fotos maiores que a única de Dilma (uma quando criança e uma com a esposa, no exílio). Também estão na segunda página mais três fotos de quando era criança e mais quatro datadas do início da militância política.

Os dados que apresentei aqui são apenas alguns. A construção inteira das duas entrevistas é uma grande peça de propaganda de José Serra, escancarada quando praticamos o exercício da comparação. A Folha quase assumiu, no editorial de segunda, sua defesa da candidatura do PSDB. Se

dissesse explicitamente que o apóia, ainda assim não seria tão claro quanto a comparação das entrevistas.

*Postado por Alexandre Haubrich*

### ANEXO 3



**Colunista política da Folha pensa em votar no Uni, Duni, Tê**

---

16<sub>AGO</sub>



O esvaziamento do debate político é a mais danosa arma dos poderosos obsessivos. É danosa porque é eficiente, a omissão ilude com mais facilidade que a mentira. Ilude mesmo intelectuais preparados, ilude mesmo os tais “formadores de opinião”, ou sua versão mais moderna, os “multiplicadores”. Uma coluna quinzenal da Folha de S. Paulo que estreou dois domingos atrás se mostrou, nesses dois textos já publicados, um grande engano e um grande desserviço.

Fernanda Torres é atriz, filha de uma das maiores que já nasceram no país, Fernanda Montenegro. Mas Fernanda Torres meteu-se a escrever para a Folha, e sobre política. Sua coluna estreou no dia 1º de agosto em meio a outras novidades que, naquele fim de semana, surgiram na cobertura das eleições pela Folha.

Com um texto impecável, requintado e redondo, Fernanda Torres capricha nas referências, nas idas e vindas das ideias, unindo-as ao final em uma conclusão bem construída. Isso acontece tanto em “Dom Quixote de Ferrari”, sua estreia, quanto em “Uni, Duni, Tê”, publicado na edição do último domingo (15/8). Não fica claro, mas com poucas indicações qualquer um pode perceber rapidamente para que lado vão os textos. O primeiro texto trata de Cristóvão Buarque e Collor, e diz que quem pensa como o primeiro deve adquirir características do segundo, sob pena de não chegar ao poder. A segunda coluna é sobre a forma como a autora diz pensar em escolher em que candidato votar para a presidência.

Os dois primeiros textos da atriz que agora é comentarista política contribuem apenas para a tentativa de esvaziamento da política, o que, por sua vez, contribui apenas para manter o povo alienado e as elites de sempre no poder. “Uni, Duni, Tê” é um texto, publicado no maior jornal do Brasil, cuja autora afirma e argumenta explicando o porquê pensa em definir seu voto na sorte. Essa é a imprensa que precisamos para fortalecer a democracia, para incluir a todos no debate político, o debate que constrói a cada dia, a cada ação, a sociedade que temos?

A imprensa precisa ajudar a construir a democracia. Falar inadvertidamente em liberdade de imprensa é muito fácil, mas não é apenas disso que se faz uma sociedade verdadeiramente democrática. O estímulo ao debate e à participação política é papel fundamental da imprensa. O “são todos iguais” faz com que as pessoas acreditem que pensar não é preciso, e favorece sempre as piores escolhas. Fernanda Torres pode fazer melhor. A Folha, sempre preocupada com a qualidade de sua cobertura política, também.

*Postado por Alexandre Haubrich*

**ANEXO 4****O mal a evitar**

---

## 27<sub>SET</sub>

No mesmo dia, o último domingo, os dois jornais mais influentes do país publicaram editoriais contundentes sobre as eleições que se avizinham. Com o mesmo tom e muitas semelhanças, é uma coincidência muito grande, ou é resultado de algum tipo de combinação. Ficam as especulações. O que é fato é que, tomando posições diferentes sobre si mesmos, Folha de S. Paulo e Estadão tomaram a mesma posição sobre a sucessão presidencial, e com ataques pesados.

O Estadão teve uma atitude honrada, mas os meios que usou para esse fim mereceriam outros adjetivos, todos eles negativos. Declarou, nesse editorial, apoio ao candidato do PSDB à presidência, José Serra, como a revista Carta Capital já havia feito com a petista Dilma Rousseff. Até aí tudo bem, é uma decisão questionável, mas ao menos o jornal não se traveste de uma falsa imparcialidade. Dos males o menor.

As justificativas do Estadão para defender Serra, porém, são perigosas, pois, pra começar, praticamente ignoram o candidato tucano. Concentram-se todas em seus adversários petistas, Dilma e o presidente Lula, e não são apenas críticas. São críticas agressivas, que buscam criar um clima de confronto aberto com Lula, um clima pesado que remete a filmes que já vimos, e dos quais não gostamos.

Com o título “O mal a evitar”, o Estadão diz que Lula não gosta de ser criticado, quando na verdade o que aparece é que as críticas ao jornal paulista não vêm sendo bem assimiladas por seus chefões. O editorial dá a entender que o governo não gosta da imprensa, não gosta da liberdade e é um mar de corrupção. Diz que Lula ignora as instituições e atropela as leis, e reconhece no presidente dois aspectos positivos: a manutenção da política econômica de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), e o avanço dos programas sociais.



Curiosamente, são os dois aspectos positivos reconhecidos também pela Folha de S. Paulo em editorial do mesmo dia. Com o título “Todo poder tem limite”, a Folha busca, novamente, o poder absoluto para si mesma e para os veículos que, junto com ela, formam a imprensa hegemônica brasileira, e têm trabalhado de forma muito entrosada na atual campanha eleitoral. O tom do

texto é o mesmo: fala em "risco", enquanto o Estadão fala em "mal a evitar". Diz que o governo "julga-se acima das críticas", enquanto o Estadão diz que Lula "tem o mal hábito de perder a compostura quando é contrariado". E por aí vai. Editoriais orquestrados ou coincidência?

O texto da Folha, porém, reafirma categoricamente sua imparcialidade, sua isenção. O jornal se classifica como "imprensa independente", de forma quase patética, e, no último parágrafo, assusta seus leitores mais atentos ao histórico da imprensa hegemônica brasileira, apoiadora do Golpe Militar de 1964. Como uma ameaça à democracia fantasiada de ameaça ao PT, afirma:



*Fiquem ambos(Lula e Dilma)advertidos, porém, de que tais bravatas somente redobram a confiança na utilidade pública do jornalismo livre. Fiquem advertidos de que tentativas de controle da imprensa serão repudiadas – e qualquer governo terá de violar cláusulas pétreas da Constituição na aventura temerária de implantá-lo.*

A Folha, que se diz livre, independente e diz possuir "utilidade pública", ameaça quase abertamente derrubar o governo Dilma que deve se confirmar em 3 de outubro. Só não vê a ameaça quem não quer. A grande imprensa brasileira está à frente de uma cruzada contra os governos federais do PT, e aos poucos deixa de esconder isso, perde a vergonha completamente. Para quem a perdeu 46 anos atrás, não custaria nada perder novamente. Esse é o verdadeiro mal a evitar.

\*A capa da Folha de S. Paulo de duas semanas após o Golpe de 64 foi retirada do blog [Brasil Autogestionário](#).

*Postado por Alexandre Haubrich*

## ANEXO 5



# O revanchismo da Folha contra Dilma

---

16<sub>NOV</sub>



Em 2008, quando o governo federal trouxe à tona o debate sobre a abertura dos arquivos da Ditadura Militar, boa parte da imprensa dominante brasileira alinhou-se aos militares de pijama e aos mais diversos setores da direita brasileira para dizer que se tratava de revanchismo. A gritaria foi tanta, fortalecida pelo discurso conservador da grande mídia, que os setores mais combativos do governo arrefeceram.

A revisão da Lei da Anistia não saiu, os arquivos da Ditadura continuaram fechados, todos nós continuamos cegos, surdos e mudos, continuamos ignorantes, o conhecimento sobre o passado brasileiro está logo ali, mas ninguém pode tocá-lo. Index Librorum Prohibitorum.

Pois alguns arquivos esses mesmos personagens querem abrir. Os personagens das trevas, da ignorância, da Idade Média, da obscuridade. O jornal Folha de S. Paulo comemorou, nesta terça-feira, uma vitória na Justiça. Depois de uma verdadeira batalha judicial, poderá ter acesso ao processo da Ditadura Militar contra a presidente eleita Dilma Rousseff (PT).

A ânsia da Folha em ter acesso a esses arquivos estranhamente não se reflete em qualquer vontade de ver abertos todos os outros, os arquivos que tratam de torturas, assassinatos e outras agressões dos militares de 64 aos cidadãos, à sociedade, e à democracia brasileira. Abrir esses arquivos seria revanchismo, dividiria o país, traria confrontos desnecessários, blábláblá.

É claro que a Folha queria mesmo é ter tido acesso a esses documentos antes das eleições que elegeram Dilma contra o candidato do jornal e do PSDB, José Serra. Como não deu, agora deverá usar as informações para tentar criar crises em um governo que ainda nem começou, mas já incomoda. A derrota eleitoral não foi bem assimilada, e o revanchismo está, agora sim, presente.

Vale esclarecer que são documentos diferentes, presos em instâncias diferentes. O processo de Dilma esteve aberto para consulta durante muitos anos, e só nas vésperas da eleição, com a então ministra já cotada para ser a sucessora de Lula, a Folha interessou-se. A Justiça impediu o acesso

para que não fosse feito uso eleitoral. Os tais “arquivos da Ditadura”, pelo contrário, estão lacrados desde sempre.

Na próxima semana, quando a ata da sessão que aprovou a liberação dos arquivos for publicada, a Folha poderá usar os dados. O que sairá daí é esperar para ver. Mas não custa redobrar a atenção. O revanchismo está à solta.

*Postado por Alexandre Haubrich*